

RESUMO WEBINÁRIO

METODOLOGIAS PARA A CAPACITAÇÃO DE AGRICULTORES/AS

REDE DE AGROECOLOGIA DA CPLP
COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA (CPLP)



REALIZADO NO DIA 15 DE JUNHO DE 2022

Palestrantes convidados/a:

- Abdalaziz de Moura - Criador da *Pedagogia de apoio ao Desenvolvimento Sustentável*
- Celina Maranhão (Agroecóloga e Agricultora) - *Desafios e fortalezas das metodologias de capacitação de agricultores/as*
- Jorge Y. Hotel Bonga (FAO Angola) - *O papel das Escolas de Campo para/na capacitação de Agricultores em Angola*

RESUMO DO WEBINÁRIO "METODOLOGIAS PARA A CAPACITAÇÃO DE AGRICULTORES/AS"

O CCAFS, a ACTUAR e a Rede de Agroecologia da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) promoveram no dia 15 de junho de 2022, às 14h de Luanda - Angola, o Webinário "Metodologias para a Capacitação de Agricultores/as". Este webinário teve como objetivo trazer profissionais para apresentar suas experiências com o tema, nomeadamente:

Jorge Y. Hotel Bonga (FAO Angola) - O papel das Escolas de Campo para/na capacitação de agricultores/as em Angola

Celina Maranhão (Agroécóloga e Agricultora) - Desafios e fortalezas das metodologias de capacitação de agricultores/as

Abdalaziz de Moura - Criador da Pedagogia de apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS)

Após apresentações, foi aberto um diálogo sobre o tema no qual foram feitas perguntas aos profissionais convidados e ouvintes, estendendo-se para exposição de experiências.

Introdução

(Valkiria Spring – Agroécóloga e facilitadora do CCAFS)

Breve introdução do Centro de Competências para a Agricultura Familiar Sustentável da CPLP (CCAFS)

O CCAFS iniciou suas atividades em 2020 através de um Programa de Cooperação Técnica entre a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), a ACTUAR – Associação para a Cooperação e o Desenvolvimento, o Ministério de Agricultura, Pescas e Desenvolvimento Rural de São Tomé e Príncipe, a CPLP, e o Mecanismo de Facilitação da Participação da Sociedade Civil no CONSAN-CPLP (MSC-CONSAN).

O programa visou a criação do CCAFS para a realização de atividades como formações presenciais e à distância, webinários, boletins, estudos, criação de uma plataforma on-line, entre outras, com o objetivo de fortalecer a Agricultura Familiar Sustentável e a Agroecologia na CPLP.

O programa foi finalizado em novembro de 2021 e o CCAFS permanece ativo, em busca de novas parcerias para a realização de atividades concatenadas e, entretanto, tem realizado webinários e boletins com os países da CPLP.

A Rede de Agroecologia da CPLP

A Rede de Agroecologia da CPLP é uma comunidade multiatores para o compartilhamento de aprendizagens e para a construção de capacidades em Agroecologia visando a promoção da Agricultura Familiar Sustentável enquanto via para fortalecer a Segurança Alimentar e Nutricional dos países da CPLP.

A Rede foi criada como parte das iniciativas do CCAFS e é aberta à participação de estudantes e profissionais de áreas relacionadas à Agroecologia, ao Desenvolvimento Sustentável, e afins.

Para participar, envie interesse na subscrição da Rede e do CCAFS para o endereço de e-mail geral@alimentacplp.com e associe-se aos seguintes grupos:

Rede de Agroecologia no Whatsapp:

<https://chat.whatsapp.com/Lpd219iqvkq2Rc4Zspv3Ve>

Rede de Agroecologia no Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/459218278525642>

Biblioteca do CCAFS

A biblioteca do CCAFS tem sido atualizada constantemente com conteúdos relevantes e aceita sugestões de publicações através dos meios de comunicação da Rede de Agroecologia da CPLP.

Para este webinar, no intuito de se aprofundar os temas discutidos, são de se destacar as seguintes publicações da biblioteca do CCAFS:

- clique nos títulos para aceder ao PDF de cada uma das publicações listadas -

"A partir da década de 1980, a extensão rural começa a questionar a viabilidade da lógica dominante (difusionista) e o agricultor começa a assumir um papel mais relevante em todas as fases do processo de extensão. Esta nova fase tem como alicerce a pedagogia libertadora defendida por Freire (1983), a qual apregoa uma extensão rural como sinônimo de educação e diálogo, na qual ambos (extensionista e agricultor) ensinam e aprendem a partir da problematização de uma determinada situação. Na visão de Freire, o processo de aprendizagem ou adoção de conhecimentos busca o "empoderamento" do agricultor para que este se torne "sujeito de sua própria história"

"A possibilidade de diminuir a dependência dos agricultores frente à indústria de insumos e a utilização de técnicas e práticas mais voltadas às características da agricultura familiar são apenas alguns dos vários objetivos da Agroecologia."

- CAPACITAÇÃO TÉCNICA: O RELACIONAMENTO ENTRE A UNEMAT E O ASSENTAMENTO BANCO DA TERRA EM NOVA XAVANTINA – MT

"Facilitar significa contribuir para a aprendizagem construtiva e autônoma dos participantes. É ser capaz de influenciá-la positivamente."

"Facilitadores e participantes tanto ensinam quanto aprendem (FREIRE, 1976, 1979)"

"A elaboração, a redação do projeto de capacitação em si, começa pela definição dos objetivos. Mas, em primeira instância, a elaboração desses objetivos deve estar embasada tanto nas necessidades levantadas quanto nas características do público-alvo que a demanda"

- ELABORAÇÃO DE CAPACITAÇÕES: UM GUIA PARA O FACILITADOR

“MÉTODO: É a maneira, a forma, é o modo de proceder, a maneira de agir, é o processo de ensino. A palavra método vem do grego “méthodos” (caminho para chegar a um fim). Assim, metodologia é a ciência integrada dos métodos. É o campo em que se estudam os melhores métodos praticados em determinada área para a produção do conhecimento. “Usar um método é seguir regular e ordenadamente um caminho”

*“Podemos dizer que: METODOLOGIA – É O CAMINHO
MÉTODO – É A FORMA DE CAMINHAR”*

- MANUAL DE METODOLOGIA

Dentre outras referências:

AS VIVÊNCIAS COMO METODOLOGIA DE ENSINO DA EXTENSÃO RURAL: A APROXIMAÇÃO ENTRE ESTUDANTES E AGRICULTORES PARA A COMPREENSÃO DA REALIDADE SOCIAL

MÉTODOS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

MONOGRAFIA “METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS NA CONSTRUÇÃO DE PLANOS DE DESENVOLVIMENTO LOCAL”

Partilhas de Experiência

Jorge Y. Hotel Bonga (FAO Angola) - O papel das Escolas de Campo para/na capacitação de Agricultores/as em Angola

Escolas de Campo de Agricultores/as (ECAS) são espaços de aprendizagem contínua e participativa, onde um coletivo de pessoas se une com o objetivo de melhorar suas práticas agrícolas. O coletivo move-se voluntariamente e constitui uma ECA. O número de participantes pode ir até 35 pessoas, havendo ECAS com 40, mas em termos de metodologia, não é muito aconselhado e fica às vezes difícil de alcançar os objetivos de aprendizagem.

A implementação de um programa ECA envolve a participação e colaboração de múltiplos actores, instituições e organizações, para as ECAS, nós temos vários atores, o ator primário é o governo, e no caso deste projeto em específico, é o Ministério da Agricultura e Pescas, através do IDA, do ISV, do IDF (Instituto das Florestas) que são os órgãos institucionais para a implementação das ECAS. O Ministério está representado a nível das províncias e a nível dos municípios pelas direcções provinciais e municipais da agricultura. A FAO entra como a detentora da metodologia que vai trabalhar no desenvolvimento de capacidades para que a implementação das ECAS seja possível.

Para destacar algumas diferenças entre a extensão convencional e a extensão com o uso da metodologia participativa, a fonte de informação, por exemplo, no extensionismo convencional, é o extensionista, que vai à comunidade e explica as tecnologias e dita como devem ser aplicadas.

Dentro das Escolas de Campo, é com base nas experiências dos/as próprios/as agricultores/as - é lá onde está o conhecimento. O/a facilitador/a simplesmente apoia a busca por soluções com base nos desafios daquela localidade. No extensionismo convencional, muitas vezes, são trazidas também tecnologias que não são da necessidade da comunidade, e nas Escolas de Campo os/as próprios/as produtores/as definem o seu currículo de capacitação, através da qual procuram aprender aquilo que os/as interessa e os desafios que eles/as próprios/as identificam em seu dia a dia.

Nas Escolas de Campo trabalha-se com o conceito de integração do conhecimento - onde ninguém sabe tudo e todo mundo colabora para construir o conhecimento.

A maioria da população angolana é de mulheres, de acordo com os dados do Censo Populacional de 2014, e a mulher constitui 70% da força de trabalho para a Agricultura Familiar. Nas Escolas de Campo, a mulher encontra um maior empoderamento, porque há abertura, por exemplo, para as comunidades definirem a escolha por temas sociais, como a questão de gênero.

Outra base fundamental das ECAS é o aprender-fazendo, tendo como elemento principal a prática. O adulto aprende com maior facilidade fazendo. Eles têm nas parcelas de aprendizagem as ferramentas que já utilizam no seu dia a dia, mas também inovações para que possam fazer comparações ao longo de todo o ciclo das culturas, e assim podem fazer opções por uma ou outra tecnologia.

Para implementar ECAS, é fundamental que exista uma lavra ou parcela de aprendizagem. Se não houver uma parcela já não se pode chamar de ECA. Ou seja, Escolas de Campo de Agricultores/as são escolas sem paredes, onde o quadro e o giz são a lavra onde eles/as aprendem. A experiência é a base principal de aprendizagem e o currículo de capacitação tem que estar de acordo com as necessidades do local. Cada ECA é diferente uma da outra.

Na escada metodológica para a implementação de ECAS, primeiro vem a motivação. Os/as técnicos/as capacitados/as e formados/as geralmente pela FAO vão para a comunidade e falam com os sobas (responsáveis tradicionais das aldeias), explicam a metodologia em reuniões comunitárias e aqueles/as produtores/as que quiserem aderir voluntariamente, criam grupos - esses grupos depois são alistados e eles próprios elegem a sua comissão de gestão, onde tem um/a coordenador/a, um/a secretário/a (que tem um caderno da ECA onde se registram todas as atividades da escola), e tem um/a tesoureiro/a (que recolhe valores acordados pelo grupo para sustentar a ECA, chamado cota).

Em seguida vem a organização do grupo, para que seja definido o seu papel, que é sempre um trabalho do formador mestre, capacitado para a implementação das ECAS. Durante este processo, já contará com um/a facilitador/a que é eleito/a pelo grupo - é alguém da comunidade que é formado/a pelo/a formador/a mestre.

Celina Maranhão (Agroecóloga e Agricultora) - Desafios e fortalezas das metodologias de capacitação de agricultores/as.

Enquanto agricultora e agroecóloga eu tive a oportunidade de conhecer essas duas perspectivas. O Brasil é um dos maiores produtores de grãos e de proteína animal do mundo, e a gente vê que é a Agricultura Familiar que produz para ficar no Brasil mesmo, é ela que faz a comida que vai para a mesa dos brasileiros. A assistência técnica no Brasil atende apenas 20% dos/as agricultores/as familiares. Enquanto agricultora, o meu maior sonho sempre foi que todos tivéssemos assistência técnica e extensão rural. Eu fui para o Instituto Federal estudar e depois que me formei, e este continua sendo o meu sonho porque eu acredito que não tem outra forma de promover o desenvolvimento rural. Como o Jorge falou, para adultos, nós aprendemos fazendo. Eu tenho um exemplo de um dia de campo feito em meu assentamento, que mudou a vida de várias pessoas, que foi sobre silagem e fenação, que as pessoas aprenderam e continuaram fazendo. Hoje eles não têm mais aquela dificuldade que tinham para a criação de animais. A nossa maior fonte de renda é a criação animal. Não tem como a Agricultura Familiar avançar mais por falta da assistência técnica.

Abdalaziz de Moura - Criador da Pedagogia de apoio ao Desenvolvimento Sustentável (PEADS)

Para dar um contexto de onde estou falando, sou do Estado de Pernambuco, no Nordeste, região do semiárido, e tenho 50 anos de atuação em atividades pedagógicas em diversos grupos do campo e da cidade. Em meu trabalho profissional, eu desenvolvo um curso técnico de Agroecologia junto à instituição na qual eu trabalho e fundei há 33 anos, que é o Serta, Serviço de Tecnologia Alternativa, e recentemente criei o Instituto Abdalaziz de Moura.

Sobre as experiências, eu gostaria de falar um pouco sobre quando atuamos com agricultores e agricultoras numa tentativa de desenvolver um trabalho de assistência técnica, e acabamos vivendo um conflito muito forte no campo. Era um trabalho de educação não formal no qual estávamos sempre com os/as agricultores/as desenvolvendo tanto práticas, conhecimentos e tecnologias como alguns valores. Era muito forte nossa insistência na valorização do campo como um lugar de condições saudáveis de vida, de cultura, de oportunidade, e sobre a importância de se acreditar na capacidade dos/as agricultores/as.

Era por isso que desenvolvíamos conhecimento, e esse trabalho era sempre feito em momentos difíceis – em momentos de sobra. A gente dispunha de fazer trabalhos com os grupos à noite, nos feriados e em algumas reuniões semanais. Começamos e perceber um conflito que se vivia dentro das casas dos/as agricultores/as, porque o que suas crianças aprendiam na escola era muito diferente daquilo que nós estávamos a passar. As escolas estavam ensinando para esses jovens para que saíssem do campo, que eles se preparassem para outra vida, que seria sobretudo na cidade. Ainda se passava aquele conceito do “se você quiser ser gente, você vai ter que estudar, pra não ficar feito o seu pai e o seu avô no cabo da enxada”.

A gente começou a ver que por trás de tudo isso existia uma visão de mundo e uma concepção do campo muito perversa, que apresentava o campo como local de pobreza e que se o estudante quisesse avançar, ele teria que se preparar para

- a escola na cidade e isso vinha com uma pressão junto aos pais para que eles vendessem suas propriedades e o seu gado para ir morar na cidade. Nós trabalhávamos exatamente o inverso. A assistência técnica e a extensão rural. Daí que surgiu a convicção, que foi se formando aos poucos, de que para mudar a agricultura; para fazer a transição agroecológica, não tínhamos que trabalhar apenas a extensão, mas também um outro tipo de escola ou educação formal.

Se não fosse assim, nós estaríamos trabalhando uma coisa com os pais, e os filhos, com toda a legitimidade que a escola tem, acabariam desconfigurando aquele trabalho que a gente fazia com os pais.

A nossa trajetória caminhou na perspectiva de se perguntar se haveria possibilidade de fazer uma nova escola, uma nova educação, e acabamos caminhando passo a passo para criar uma proposta de uma educação formal, onde todas as escolas do campo pudessem estudar na perspectiva que estudávamos, por exemplo, que as escolas do campo conseguissem construir uma identidade camponesa, em vez de distanciar o estudante das suas origens. Onde os estudantes se sentissem sujeitos da construção de conhecimentos e que esses conhecimentos pudessem servir a sua propriedade e família.

Nesse sentido, nós criamos uma proposta de educação para as escolas públicas do município e passamos a investir numa formação de jovens, ainda não formal, porém mais qualificada: um curso de dois anos no qual os jovens podem exercer esta experiência. Este curso de jovem – Agentes de Desenvolvimento Local – ADL, depois de seis edições, transformou-se, em 2010, em um Curso Técnico de Nível Médio em Agroecologia, que já formou mais de dois mil técnicos até hoje. Esta pedagogia, hoje, é utilizada em diversas escolas públicas.

Antes da pandemia, o curso de agroecologia funcionava em regime de alternância: uma semana interno em nossas unidades de ensino e outras 3 semanas os/as participantes ficavam na propriedade e em suas residências. Durante o período de 1 ano e 6 meses eles/as tinham a possibilidade de passar por um estágio de 200 horas. A pandemia nos obrigou a fazer isto de forma remota. Com isso, nós temos 11 estados participando nesta formação técnica e em quatro meses concluiremos a última turma. Sobre isso gostaríamos de entender o nível de interesse em intercâmbios futuros aqui da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Nós aplicamos uma metodologia onde as pessoas fundamentalmente pesquisam a sua realidade e em cima disso nós desdobramos os conhecimentos mais relacionados à permacultura e à Agroecologia. Este é um princípio fundamental da nossa pedagogia, e também a ação transformadora. Para que desde a primeira aula os/as estudantes já se sintam autores e atores da experiência e do protagonismo na construção dos conhecimentos.

Perguntas e Partilhas

Partilha: Jonas: “Sobre a questão da assistência técnica, nós estamos aqui no Rio Grande do Norte, com a ATER Agroecologia, que é um projeto que no papel é uma coisa linda, mas quando chega na execução, torna-se um pouco de tudo, porque

- um/a técnico/a agroecológico/a está acompanhando 100 núcleos familiares, e ele/a não consegue dar conta disso. Não consegue fazer o projeto caminhar. Isso é mais um desabafo dessa realidade em que um/a só técnico/a tem que dar conta de muitas famílias - e não dá conta. Por mais que seja formado/a em Agroecologia, o que acaba acontecendo fica bem diferente do que está no papel”

Partilha e pergunta: Nzinga Cavalcante, agricultora afroecológica, Pernambuco - Brasil: “eu tenho uma pergunta para o Jorge - gostaria de saber como é o governo na área dele e se tem incentivo à agricultura, e como são essas ações fora da escola com as famílias. A Celina também partilhou algo muito importante, que é a falta da assistência técnica. Tem muitos órgãos capacitados do governo, mas que não alcançam os/as produtores/as. Gostaria de saber dela, o que eles têm feito para se apropriar das tecnologias e do fazer disponível. Aqui costumamos dizer que o nosso saber é ancestral. Atravessou o mar de África para o Brasil. Eu gostaria de saber também dos países africanos, como é que plantam, se plantam desenhando ou, num geral, como é esse plantar”

Resposta: Valkiria Spring (agroecóloga e facilitadora do CCAFS): “O CCAFS possui uma plataforma na qual estão disponíveis diversos relatos de experiência dos países africanos de língua portuguesa, onde é possível verificar diversas práticas diferentes para a produção de alimentos” >>[clique aqui para aceder às práticas agroecológicas da CPLP](#)<<

Resposta: Jorge Y. Hotel Bonga (FAO Angola): “A Angola é um país produtor de petróleo e nos últimos anos o barril de petróleo baixou. Isto criou uma crise - nos anos anteriores não se pensava em agricultura, pensávamos somente em petróleo. Hoje o governo é o pilar fundamental para incentivar a agricultura e apoia a Agricultura Familiar. Eu estou em um projeto chamado SAMAP “Projeto de Desenvolvimento da Agricultura Familiar e Comercialização”, é um projeto do governo, do FIDA, e a FAO está no projeto para o desenvolvimento de capacidades, então há um apoio muito positivo do governo”

Partilha e pergunta: Arlete, técnica de campo AAEA, Angola: “Eu trabalho em uma associação, que é a associação angolana para a educação de adultos, trabalhamos em educação não formal e somos freirianos - e pela infelicidade nossa, não temos tido muita cooperação com a FAO, mas tivemos uma oportunidade numa das comunidades, onde pelo menos cinco colaboradores nossos foram introduzidos nas formações, e hoje esta formação nas Escolas de Campo está a surtir muito êxito. Gostaria de já pedir ao companheiro Jorge para termos uma conversa, e dizer que nós estamos a transformar cada grupo de alfabetização não formal em uma ECA. É muito difícil estar a transformar desta maneira pois não temos formadores para todas as áreas que nós temos. Estamos a começar por uma área pequena, que é o município da Gabela, então para nós, as experiências que estamos aqui a recolher ajudarão a melhorar o trabalho que estamos a fazer. As Escolas de Campo estão a surtir bastante êxito a mudar as vidas das pessoas. Principalmente as mães solteiras, porque nas ECAS, 83% são mulheres”

Resposta: Jorge Y. Hotel Bonga (FAO Angola): “trabalhamos juntos, Arlete, numa reunião técnico-cooperativa, no município do Ebo, e tivemos a primeira capacitação (o primeiro módulo dos/as facilitadores/as) e estamos a conjecturar avançarmos para o segundo módulo que será no próximo mês. Serão avisados os

- cinco formadores para que possam completar os ciclos. Manteremos o contato.”

Partilha: Germano Ferreira, Diretor do Instituto Abdalaziz de Moura, Brasil: “Nossa pedagogia tem 3 fontes inspiradoras, a primeira é o movimento da ação católica, da teologia da libertação, da educação popular do Paulo Freire, e o movimento de agricultura alternativa, fazendo o contraponto ao modelo da revolução verde. Essa pedagogia surge a partir de uma provocação, pois em 2018 recebemos um grupo de pesquisadores aqui do Brasil que estavam procurando experiências de inovação da educação no mundo inteiro, e, por coincidência, encontraram a PEADS que é a pedagogia de apoio ao desenvolvimento sustentável, e foram conhecer nossa experiência num município na zona da mata, região da cana de açúcar, em Pernambuco.

Descobriram que havia uma grande diferença com a educação do campo convencional, na qual os protagonistas da inovação na educação são os professores. Na PEADS eles viram que o/a protagonista da inovação era o/a aluno/a, o/a professor/a, a comunidade, a família, os pais, as mães, a gestão municipal, e perceberam que todos os sujeitos envolvidos no processo pedagógico se tornavam protagonistas, porque a pedagogia parte de um dispositivo de resgate da identidade do sujeito com seu lugar, com seu chão. A partir disso, eles questionaram se o Brasil conhecia essa experiência, e a partir dessa provocação nós criamos o instituto Abdalaziz de Moura, para aprofundarmos a PEADS. Ela se tornou uma pedagogia porque ela consegue associar os princípios filosóficos com os conhecimentos, com as didáticas utilizadas e com as ações transformadoras. Hoje temos desenvolvido um processo formativo através de um curso para poder aprofundar essa pedagogia.”

Partilha e pergunta: Guilherme Gonçalves, Eng. Agrônomo/consultor CERAI, Cabo Verde: “Eu sou brasileiro e desde 2019 que atuo em Cabo Verde em projetos de Agroecologia e desenvolvimento rural, também atuava com a Agroecologia no Brasil. Atualmente eu trabalho com uma ONG que se chama CERAI, que é da Espanha mas atua em países da África e da América Latina também. A minha intervenção vai no sentido da autonomia e da independência dessas experiências de capacitação, porque acredito que é papel do Estado e dos governos financiar experiências de assistência técnica agroecológica e escolas rurais - acredito que isso sempre foi e sempre será papel do Estado, e há de se brigar por políticas e investimentos públicos. Porém, acho que chega o momento de se fazer uma análise geral de que nós, enquanto movimento agroecológico, temos que criar alternativas para que não fiquemos completamente dependentes do Estado. No Brasil, por exemplo, temos um governo que joga a Agroecologia no lixo, e acho que é importante, enquanto movimento, que criemos essas alternativas, principalmente autonomia para manter essas experiências ativas.

A segunda questão é em relação ao Jorge Bonga e ao senhor Moura, gostaria de saber dentro da ECA e dentro do Sertão, se há justamente essas alternativas de investimento, de custeio dessas escolas e quais são as fontes de recurso. Também, se dentro das experiências pedagógicas, há questões sobre gestão, administração, gestão financeira seja das parcelas agrícolas ou das experiências, e também se há as temáticas sobre o que podemos chamar de processo pós-colheita dos produtos. Por exemplo, a comercialização participativa, ou o acesso ao mercado de uma forma participativa”

Resposta: Jorge Y. Hotel Bonga (FAO Angola): *“Isto é extremamente importante, as ECAS são desenhadas para que elas mesmas possam se sustentar. Elas devem possuir cotizações que são recolhidas e utilizadas pela própria comunidade para que possam ser validadas. Os próprios membros têm que estar motivados para que possam avançar. Há um financiamento que se chama “fundo de reforço” e é chamado reforço porque o grupo já está a andar e a administrar as suas cotizações. Um fundo de reforço é para melhorar condições já existentes para escolas que já começaram a andar por si só. Desta forma, espera-se garantir que mesmo tirando a influência do governo e com o fim do projeto, as escolas poderão continuar, porque o/a facilitador/a da ECA, que é formado/a pelo/a formador/a mestre, é da comunidade. Então mesmo com o fim do projeto, existe sustentabilidade nesta metodologia das ECAS.*

Resposta: Abdalaziz de Moura (PEADS e Serta, Brasil): *“A existência do curso técnico em Agroecologia faz parte da política de Agroecologia do governo do estado de Pernambuco. Então, do governo federal, hoje, todas as políticas de apoio à Agroecologia foram abandonadas, paradas ou acabadas. Agora é uma preocupação porque existe uma política estadual de Agroecologia da qual o curso faz parte. As outras dimensões dessa pedagogia nós trabalhamos com escolas, e municípios que utilizam e aplicam. Espero que possamos manter o contato com todos os participantes aqui hoje para continuarmos dialogando sobre este e temas relacionados.*

Resposta: Celina Maranhão (Agroecóloga e Agricultora, Brasil): *“Eu sou da Paraíba, estado vizinho aqui de algumas das falas colocadas e realmente há muito conhecimento que fica só no papel e não chega até os/as agricultores/as. Teve uma empresa que prestou assistência técnica em meu assentamento por 2 anos mas nunca fizeram nada. Só pediram para nós assinarmos um documento dizendo que eles tinham prestado assistência técnica, e a visita deles foi essa. Acredito que a maioria dos/as agricultores/as podem confirmar situações semelhantes e a minha luta é essa, para que essa assistência técnica seja de verdade e não fique só no papel.”*

Este é um dos webinários organizados no âmbito do ciclo de webinários sobre Agroecologia na CPLP

Para participar dos webinários e das consultas para o desenho de suas programações, siga os passos na página 3 e torne-se parte da Rede de Agroecologia da CPLP



aCtuar
Sistemas Alimentares Sustentáveis